

A IMAGEM NO LIVRO DIDÁTICO E SUAS INTERAÇÕES COM A CRIANÇA EM FORMAÇÃO

Hélio Júnior Rocha de Lima
Isabel Cristina Gondim Rocha
Maria Lidianne Agostinho de Menezes

DOI: 10.5433/2237-9126.2026.v20.51978
vol. 20, 2026 - Fluxo Contínuo

revista domínios da imagem



A IMAGEM NO LIVRO DIDÁTICO E SUAS INTERAÇÕES COM A CRIANÇA EM FORMAÇÃO

THE IMAGE IN THE TEXTBOOK AND ITS INTERACTIONS WITH THE CHILD IN FORMATION

HÉLIO JÚNIOR ROCHA DE LIMA¹

ISABEL CRISTINA GONDIM ROCHA²

MARIA LIDIANE AGOSTINHO DE MENEZES³

Submetido em: 02/02/2024

Aprovado em: 20/05/2025

Resumo: Este estudo busca ampliar a compreensão sobre o uso de imagens presentes em livros didáticos, problematizando a interação e o auxílio da imagem na formação das crianças. Para tanto, fundamenta-se nas contribuições de Manguel (2001), Didi-Huberman (1998) e Santaella (2012), bem como na metodologia de pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico. A pesquisa foca na descrição e análise de imagens de dois livros didáticos do ensino fundamental. Os resultados indicam que a presença de imagens nesses livros e nas práticas educativas torna o ensino e a aprendizagem mais dinâmicos e interativos. Além disso, favorecem múltiplas formas de experiências, ampliam os conhecimentos e o contexto identitário das crianças e estabelecem relações entre o dito, o visto e o vivido.

Palavras-chave: Imagem; Educação; Livro didático; Conhecimento; Identidade.

Abstract: This study seeks to broaden our understanding of the use of images in textbooks, problematising the interaction and support of images in children's education. To this end, it is based on the contributions of Manguel (2001), Didi-Huberman (1998) and Santaella (2012), as well as on the methodology of qualitative, bibliographical research. The research focuses on describing and analysing images from two primary school textbooks. The results indicate that the presence of images in these books and in educational practices makes teaching and learning more dynamic and interactive. It also favours multiple forms

¹ Doutor em Estudos da Linguagem pela UFRN. Professor adjunto da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN, do Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC - e do PROFEI- Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional. E-mail: heliojunior@uern.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4353-7003>.

² Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC/ UERN. E-mail: isabel.gondim123@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7150-821X>.

³ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC/ UERN. E-mail: lidymenezes2018@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5869-9379>.



of experience, broadens children's knowledge and identity context, establishing relationships between what is said, seen and experienced.

Keywords: Image; Education; Textbook; Knowledge; Identity.

INTRODUÇÃO

O uso de imagens na educação é uma prática poderosa e eficaz que contribui de maneira significativa para os processos de ensino e aprendizagem. Esse recurso pode enriquecer o processo formativo, facilitar a compreensão de conceitos, despertar o interesse dos alunos, consolidar o conhecimento e estimular a criatividade e o pensamento crítico. Ao apresentar imagens que exigem análise e/ou interpretação, como trabalhos artísticos, gráficos ou fotografias, os educadores podem incentivar os alunos a desenvolverem habilidades de pensamento crítico.

As imagens são recursos abertos e podem tornar as aulas mais dinâmicas e interessantes. Um material didático visualmente atrativo desperta a curiosidade dos alunos e pode tornar o aprendizado mais prazeroso. Em um mundo cada vez mais digital e interativo, o uso de imagens pode estabelecer uma relação entre o entretenimento e a educação, aumentando a motivação dos alunos. Dessa forma, a aprendizagem visual desempenha um importante papel na construção do conhecimento e da identidade, considerando que o cérebro humano processa e retém informações visuais de forma mais rápida e eficiente.

Tendo em vista a importância da imagem no cenário educacional e reconhecendo seus impactos na construção do conhecimento e da identidade das pessoas, este estudo busca compreender como as imagens presentes nos livros didáticos estão sendo trabalhadas, a fim de contribuir para o processo formativo das crianças. Para isso, foram selecionados como material de pesquisa dois livros didáticos da coleção *Entrelaços*, da editora Frère Théophane Durand - FTD. Ambos são utilizados em uma escola estadual localizada na zona rural do município de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte.

Optou-se pelos livros didáticos utilizados no terceiro e quinto ano do ensino fundamental (anos iniciais). Essa escolha levou em consideração os materiais que mais utilizavam imagens em seu conteúdo programático, assim como aqueles em que essas imagens, na maioria das vezes, faziam referência à realidade do local em que o material é

utilizado. O objetivo é compreender os impactos das imagens na construção do conhecimento e da identidade das crianças.

O percurso metodológico adotado para a elaboração do artigo fundamentou-se na abordagem qualitativa, que propõe a realização de uma análise de imagens exploradas nos livros didáticos. Conforme discute Gil (2002), essa abordagem busca a compreensão do fenômeno estudado de forma aprofundada e contextualizada, considerando os significados e relações subjacentes às experiências humanas, tendo em vista torná-lo mais explícito.

Partindo dessa perspectiva, o artigo é de natureza analítica e bibliográfica, concebido a partir da análise das imagens retiradas dos livros didáticos selecionados. Buscou-se examiná-las de forma ampla, a fim de estabelecer relações com a realidade daqueles que utilizam o material. Para tanto, foram utilizados principalmente os estudos de Manguel (2001), Didi-Huberman (1998), Leite (2006), Peixoto (2006), Santaella (2012), Gil (2002), Gardner (1994) e Rogers (1997), por oferecerem respaldo teórico-metodológico pertinente à nossa discussão.

O estudo é composto por quatro seções. A primeira diz respeito à introdução do estudo, na qual são apresentados os apontamentos iniciais, os objetivos e a metodologia desenvolvida na pesquisa. Na segunda seção, discute-se o uso das imagens visuais, problematizando seus impactos e contribuições na prática educativa. A terceira seção aborda as análises e interpretações realizadas durante o processo da pesquisa. Por fim, a quarta seção é destinada às considerações e aos resultados construídos durante todo o percurso de estudo.

IMPACTO E CONTRIBUIÇÕES DA IMAGEM NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

O livro "*Orbis sensualium pictus* – traduzido para o português como "*O mundo sensível das imagens*" foi o primeiro livro ilustrado para crianças e reconhecido como a primeira produção dedicada à educação infantil a utilizar amplamente ilustrações como parte central do ensino. A obra foi publicada em 1658 pelo educador João Amós Comênio.

Comênio acreditava que a aprendizagem deveria acontecer de forma natural, prazerosa e envolver os sentidos. Para isso, incluiu ilustrações que correspondiam ao



conteúdo do texto. Cada imagem é acompanhada de legendas explicativas em latim e em línguas vernáculas, tornando o livro acessível a crianças de várias regiões. O livro abrangia temas diversos, como natureza, vida cotidiana e moralidade, bem como buscava apresentar um olhar sistemático do mundo, começando pelos conceitos básicos e progredindo para os mais complexos. A linguagem do livro é simples, com foco na aprendizagem por meio da observação e da associação entre texto e imagens. Para o educador, as ilustrações tornavam o processo educativo mais envolvente e menos abstrato para as crianças, permitindo-lhes compreender o mundo ao seu redor de maneira mais concreta.

Assim, pode-se afirmar que Comênio foi pioneiro ao entender o potencial formativo das imagens. Sua iniciativa influenciou a mudança na produção dos livros didáticos no decorrer da história e deu início ao uso das práticas pedagógicas visuais. Esse foi um começo, no entanto, como esperado, dos estudos e das discussões que envolvem as contribuições do uso das imagens – não só para fins pedagógicos, mas também formativos – que têm avançado significativamente. Atualmente, compreende-se a imagem como um dos constituintes inerentes à formação humana.

Em uma era repleta de diversos tipos de estímulos visuais, a habilidade de interpretar e criar imagens é vital para o desenvolvimento humano. Estas consistem em relevantes ferramentas no contexto da educação, da expressão, da transformação pessoal e social, visto que influenciam a maneira como as pessoas aprendem, comunicam, sentem e se percebem no mundo. Além disso, desempenham um papel central na formação crítica e na construção da identidade humana, pois, em uma sociedade mediada pela comunicação visual, somos constantemente expostos a situações que moldam nossa percepção do mundo, nossas relações e como nos vemos.

Nesse sentido, a exposição a padrões estéticos irreais ou idealizados pode influenciar como as pessoas percebem seus corpos, seu valor e suas capacidades. Por isso, na prática educativa, as imagens não devem ser tratadas apenas como ilustrações estáticas, mas sim como elementos que, ao serem tocados e explorados, provocam uma troca contínua entre o que a criança vê e o que a imagem comunica.

Segundo Peixoto (2006, p. 217), “É preciso que se questione o que a imagem traz de novo e qual a importância do seu registro, para que não se faça do audiovisual somente uma técnica de ilustração [...]”. A partir dessa afirmação, infere-se que o audiovisual tem a capacidade de inovar, trazer novas perspectivas e provocar reflexões.

Isso sinaliza, por sua vez, como a imagem pode expandir ou transformar nossa compreensão acerca da realidade. Para Peixoto (2006), a imagem tem o potencial de produzir sentidos e significados próprios e não deve ser reduzida a um papel de apoio ilustrativo, utilizado apenas para complementar uma narrativa. Ao contrário disso, tal recurso proporciona ao leitor uma postura reflexiva que supera a simples reprodução ou representação visual.

A leitura de imagens é uma habilidade essencial para o desenvolvimento da consciência crítica, especialmente em um mundo saturado pelos meios de comunicação visual. Sendo assim, é preciso compreender que “[...] ler imagens significa classificar seus significados, ler seus sentidos [...]” (Peixoto, 2006, p. 222). Afinal, “[...] estamos todos refletidos de algum modo nas numerosas e distintas imagens que nos rodeiam [...]” (Manguel, 2001, p. 20).

A capacidade de interpretar, analisar e questionar as imagens, seja por meio do livro didático ou das experiências extraescolares, auxilia as pessoas a identificar mensagens ocultas, manipulações e ideologias implícitas que, muitas vezes, podem alicerçar a imposição de padrões sociais. Compreende-se que isso ocorre porque as imagens registram aspectos culturais, sociais e históricos que revelam como se comportam e vivem determinados grupos. Por meio da fotografia, por exemplo, é possível registrar momentos vividos e, mais adiante, produzir um documento histórico de uma determinada época. Com isso, pode-se identificar facilmente quais eram os estilos de vida daquelas pessoas. Sendo assim, as imagens, especialmente fotografias e obras de arte, funcionam como veículos de memória coletiva, ao passo que registram eventos, experiências e emoções que ajudam a construir narrativas históricas e identitárias.

Em contrapartida, a depender do grau de instrução do leitor em interpretar imagens, existe o risco de não apenas informar fatos, mas também de construir e perpetuar estereótipos sociais. Por isso, é essencial que se desenvolva um olhar crítico por meio da educação, para que se aguce a capacidade de ler, interpretar e avaliar as imagens como parte da formação humana. No ambiente educacional, trabalhar com imagens ajuda a desenvolver habilidades cognitivas e críticas, bem como promover uma visão mais reflexiva e menos passiva frente ao que é apresentado aos nossos olhos. No entanto, questionamo-nos: na escola, somos alfabetizados para a leitura de imagens? Essa competência, necessária à formação integral dos alunos, é devidamente explorada? Como as imagens são exploradas no ambiente escolar?

A imagem auxilia no processo de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo desde os primeiros anos de vida. Então “nada seria mais plausível, e mesmo necessário, que a imagem adquirir na escola a importância cognitiva que merece nos processos de ensino e aprendizagem [...]” (Santaella, 2012, p. 14), pois deve-se considerar que as crianças começam a entender o mundo por meio de imagens, mesmo antes de aprenderem a ler e escrever. Talvez tenhamos esse entendimento, mesmo que inconscientemente, pois é comum o uso de figuras, formas e cores, desde a mais tenra idade, para auxiliar na construção de conceitos básicos, como reconhecimento de objetos, expressões faciais e símbolos.

Desde que nascemos, somos estimulados visualmente. As imagens podem evocar sentimentos e emoções. Ao olharmos uma fotografia, um quadro ou qualquer outro objeto artístico, podemos ser afetados de tal maneira que as palavras se tornem insuficientes para descrevê-los. Essa conexão emocional pode ajudar na construção de um relacionamento mais significativo com as pessoas e com o mundo.

Diante disso, voltamos a refletir sobre o papel da imagem na educação, considerando que, ao longo de nossas experiências escolares, não fomos estimulados a reconhecer a importância da alfabetização visual na construção do conhecimento e na formação da identidade. Embora, muitas vezes, nos sentíssemos atraídos pelas imagens contidas nos livros didáticos, elas não eram exploradas, ou seja, não passavam de um elemento decorativo. Além disso, muitas das imagens contidas nos livros didáticos fogem completamente da realidade na qual estão inseridos os alunos que os recebem, o que dificulta o sentido formativo que pode ser atribuído a esses recursos. Nesse caso, indagamos: como as imagens são exploradas no livro didático? A imagem do livro didático apresenta um propósito formativo e/ou ilustrativo? As linguagens visuais e textuais presentes no livro complementam-se ou são elementos dissociados?

Santaella (2012) afirma que a leitura de imagens é uma habilidade cognitiva importante e que deve ser explorada pela escola, a fim de desenvolver a capacidade dos alunos de interpretar situações e realidades, além das apresentadas no material pedagógico. As imagens, quando utilizadas em conjunto com o texto, por exemplo, refletem uma abordagem multimodal que engloba diferentes formas de comunicação (visual, textual, auditiva), as quais contribuem para a construção do conhecimento.

Ademais, em se tratando de linguagem textual e formal, é relevante lembrar que ambas são distintas, no entanto, caso sejam usadas em conjunto, uma pode complementar a outra. Considerando os conceitos de alfabetização e letramento, é possível compreender que ambos se articulam de forma indissociável, uma vez que a apropriação do sistema de escrita ocorre simultaneamente ao desenvolvimento das práticas sociais de leitura e escrita. Isso é particularmente relevante em um mundo em que os meios de comunicação são cada vez mais visuais, em razão da disponibilidade de ferramentas como a internet e as redes sociais.

Outro ponto considerado neste estudo é o fato de algumas pessoas apresentarem maior afinidade com o aprendizado por meio dos estímulos visuais, assim como discutido por Gardner (1994) em sua teoria das inteligências múltiplas. Para esses estudantes, o uso de imagens pode facilitar a retenção de informações e tornar o aprendizado mais acessível. Nesse sentido, o uso adequado e equilibrado de imagens em livros didáticos é essencial para promover uma educação que leve em conta as diferentes necessidades e estilos de aprendizagem, além de tornar o material mais interessante, didático e formativo para todos os alunos. Para isso, é importante que as imagens disponibilizadas nos livros didáticos não sejam percebidas apenas como item de decoração e que não sejam desconectadas da realidade na qual o livro será utilizado. Do contrário, qual sentido os alunos poderão construir por meio de imagens que, muitas vezes, nunca viram ou não sabem do que se trata? Como perceberão uma aplicação prática entre o estudado e o vivido? Como se enxergarão parte daquele processo de formação?

Desse modo, a exposição e o envolvimento com imagens são fundamentais para o desenvolvimento dos processos criativos das pessoas. Tais recursos visuais aguçam a imaginação, permitindo que as pessoas visualizem novas possibilidades, interpretem o mundo de maneiras diferentes e criem suas próprias compreensões da realidade. Isso é particularmente importante para o desenvolvimento de habilidades criativas e na resolução de conflitos, uma vez que podem despertar a consciência crítica e oportunizar debates sobre questões presentes na dinâmica social.

Assim sendo, as imagens são essenciais para a formação integral dos indivíduos, tendo em vista seus impactos na construção da identidade individual e coletiva das pessoas, pois, concomitantemente, expressam e exploram essas identidades. Consequentemente, compreendemos que:

[...] a mais simples imagem nunca é simples, nem sossegada como dizemos irrefletidamente das imagens. A mais simples imagem, contanto venha à luz como veio à luz o cubo de Tony Smith, não dá a perceber algo que se esgotaria no que é visto, e mesmo no que diria o que é visto [...] (Didi-Huberman, 1998, p. 95).

Nessa perspectiva, as imagens são mais do que meras representações visuais, pois configuram-se como ferramentas essenciais na construção da identidade e na formação crítica dos indivíduos. Aprender a decodificar, interpretar, refletir e até inferir significados a partir do conteúdo visual são habilidades vitais em um mundo cada vez mais mediado por imagens. Essas habilidades impactam a maneira como as pessoas enxergam a si mesmas, os outros e o seu papel na sociedade.

As imagens também são uma forma de comunicação universal que, mesmo em contextos em que a linguagem falada ou escrita não é compreendida, não perde o poder de comunicar. Essa comunicação é essencial em um mundo globalizado, no qual as imagens, muitas vezes, ultrapassam as barreiras linguísticas e culturais e permitem que pessoas de diferentes origens se comuniquem e compartilhem ideias.

Dito isso, é relevante salientar que, desde a infância, o ser humano está imerso em um mundo visual que molda a sua percepção, compreensão e interação com a realidade. Nessa conjuntura, a imagem é fundamental na formação humana, pois desempenha um papel crucial em diversos aspectos do desenvolvimento cognitivo, emocional, social, político e cultural. Quanto à sua utilização no livro didático, acreditamos que se trata de um recurso relevante no processo de ensino e aprendizagem, pois complementa e potencializa o conteúdo textual. Portanto, a imagem configura-se não apenas como uma ferramenta pedagógica, mas também como um recurso estético que auxilia na compreensão de conceitos complexos, estimula o interesse dos alunos e promove uma aprendizagem mais significativa.

A IMAGEM, O LUGAR, O CONTEXTO E AS INTERAÇÕES POSSÍVEIS COM O LIVRO DIDÁTICO

A comunidade Pau Branco (Imagem 1) localiza-se às margens da BR-304, a cerca de 35 km do município de Mossoró/RN. Conforme relatos de alguns antigos

moradores, sua formação se deu em meados do ano de 1912, com a chegada da família do camponês João Mateus de Oliveira. Essa família possuía parentescos na comunidade de Mata Fresca/CE, distante aproximadamente 15 km da comunidade, e procurava por um ambiente que oferecesse moradia e permanência, que dispusesse de água e terras não habitadas para estabelecer residência. O nome da comunidade foi inspirado na cor branca, predominante na madeira encontrada na região. Assim, batizou-se o local como Sítio Pau-branco.

Imagem 1– Comunidade Pau Branco-Mossoró/RN



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Atualmente, a comunidade dispõe de uma escola que oferece ensino fundamental I (primeiro ao quinto ano), a Escola Estadual Professora Iracema Fernandes, fundada no ano de 1979, que visa atender os filhos e filhas dos moradores da comunidade rural. A instituição, criada sob o Parecer n.º 7.683 de 07/09/1979, e oficializada pelo Decreto n.º 7.683 de 22/08/1979 INEP n.º 24002399, oferece o ensino fundamental nos anos iniciais. Seu nome homenageia a professora Iracema Fernandes, uma defensora das causas educacionais. A escola funciona nos seguintes turnos: matutino (1º ao 4º ano, sendo o 1º e 2º ano uma turma multisseriada) e vespertino (5º ano). No horário das 7h às 11h30 e 13h às 17h30, respectivamente, atendem, atualmente, 20 alunos, os quais estão distribuídos nos níveis de ensino fundamental, anos iniciais.

Para compreender melhor a realidade das escolas situadas no campo, foi promovido um diálogo, direto e indireto, com os sujeitos envolvidos no processo de desenvolvimento coletivo da Escola Estadual Professora Iracema Fernandes. Por meio dessa conversa, foi possível revisitar elementos importantes, incluindo a participação de docentes e pais de alunos no planejamento das atividades escolares. Durante esse diálogo,

destacou-se a importância do livro didático como um recurso que auxilia na organização e implementação das atividades pedagógicas, apoiando tanto os professores quanto os alunos na construção do conhecimento no contexto escolar rural.

A seleção do livro didático ocorre com base no censo escolar da educação básica do ano anterior, por meio de um manual enviado pelas editoras. Os professores realizam essa escolha por meio do Sistema Interativo (SIMEC), do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE)⁴. Na plataforma, estão disponíveis os exemplares digitais analisados pelos educadores.

Imagens 2 e 3 – Capas dos livros da coleção *Entrelaços*, terceiro e quinto anos



Fonte: Prado e Hülle (2021a; 2021b)

⁴ Acessível no endereço eletrônico <http://pddeinterativo.mec.gov.br>.

Estes, por sua vez, analisaram os livros disponíveis considerando os conteúdos, habilidades, gravuras, imagens e textos. Após essa análise, os professores selecionaram, dentre as opções enviadas, o acervo que consideram mais adequado pedagogicamente à realidade dos alunos. Essa análise foi feita de maneira cuidadosa, considerando as necessidades específicas dos estudantes e o alinhamento com o planejamento educacional da escola. Finalizadas todas essas etapas, o registro foi feito pelo diretor da escola, com CPF e senha pessoal e intransferível.

Um aspecto positivo destacado pelos professores na escolha do material é o fato de ser uma decisão feita pela própria escola. Isso permite que a escola avalie se o livro contempla as habilidades necessárias e está alinhado com o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da instituição, além de estar adequado ao contexto local. Contudo, os professores apontam como aspecto negativo a falta de um livro físico no momento da escolha, devido às barreiras impostas para o acesso em comunidades rurais. Além disso, a quantidade de livros enviados é baseada no censo do ano anterior, o que resulta em materiais insuficientes quando novos alunos se matriculam no ano seguinte. Com isso, os professores enfrentam dificuldades para encontrar esse material em outras escolas e suprir as necessidades dos alunos. Em anos anteriores, a escolha era feita pela 12ª Diretoria Regional de Educação e Cultura de Mossoró/RN (DIREC), e os professores tinham maior flexibilidade para conseguir os livros necessários com as escolas, o que ajudava a atender à demanda dos alunos recém-chegados.

No entanto, apesar da escolha feita pela equipe pedagógica, que visa à máxima adequação do livro à realidade dos alunos da zona rural, os professores relatam que, em muitos casos, as realidades apresentadas no material não dialogam diretamente com o contexto dos alunos da comunidade. Consequentemente, os educadores precisam readaptar o material e recorrer a outros recursos pedagógicos.

Anteriormente, a plataforma do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) oferecia uma opção de escolha voltada para o contexto rural. No entanto, nos últimos anos, essa alternativa foi descontinuada, dificultando o processo de escolha de materiais mais adequados. Apesar disso, os professores apontam que o livro didático deveria ser elaborado com material específico para os alunos do campo e contemplar as particularidades da região, pois o uso desse material nas escolas rurais também apresenta particularidades que necessitam ser discutidas, considerando tanto as condições socioeconômicas e culturais dos alunos quanto a realidade específica do campo.

Ademais, o livro didático é uma ferramenta pedagógica que funciona como um guia estruturado para os professores, além de servir como material de estudo para os alunos. Em áreas rurais, onde o acesso a recursos como bibliotecas, internet e materiais complementares é limitado, seu papel torna-se ainda mais relevante. No entanto, os professores afirmam que, se tivessem a oportunidade de desenvolver um livro didático para os alunos do campo, incluiriam textos e imagens que refletissem a realidade local, já que o material atualmente oferecido muitas vezes não corresponde à vida no campo.

Outro aspecto relevante diz respeito à representação de recursos e instrumentos modernos nos livros, como celulares, energias renováveis e paisagens urbanas. Os professores destacam que os materiais não refletem os recursos atualmente disponíveis no meio rural, mantendo a imagem de localidades carentes de internet e eletricidade. Essa visão estereotipada retrata os camponeses como pessoas sem acesso a avanços e associa seu modo de vida à pobreza. No entanto, a realidade contemporânea mostra que o uso desses recursos no campo é cada vez mais frequente, com acesso à internet de alta qualidade, celulares e fontes de energia alternativas. Apesar disso, os livros didáticos ainda não incorporam esse contexto, podendo limitar a compreensão dos alunos sobre as transformações que ocorrem nas áreas rurais.

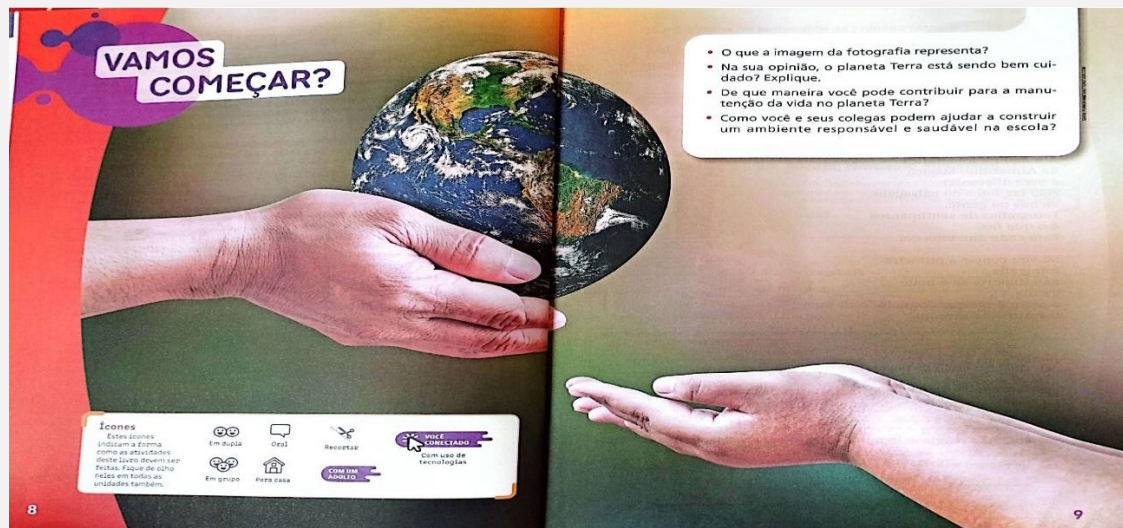
Sendo assim, é importante que políticas públicas de educação rural sejam pensadas e implementadas com foco nas particularidades dessa realidade. São necessárias estratégias pensadas pelos professores e pela equipe pedagógica, a fim de melhorar o uso do livro didático na escola do campo e superar esses desafios. Uma das estratégias mais eficazes seria a adaptação dos conteúdos dos livros didáticos à realidade rural, incorporando temáticas como a agricultura familiar, a preservação do meio ambiente e a cultura local. Isso tornaria o material mais atrativo e relevante para os alunos, promovendo uma educação mais contextualizada.

Dito isso, observou-se que os livros didáticos escolhidos abordam as imagens como forma complementar ao texto, não apenas como elemento decorativo. A interpretação e a leitura crítica das imagens são bem exploradas, reconhecendo que “o texto verbal e visual é polissêmico e complementar” (Leite, 2006, p. 43).

As imagens 4 e 5, por exemplo, retiradas do livro didático do 5º ano do ensino fundamental (anos iniciais), provocam reflexões acerca do conteúdo nela exposto. Elas incentivam as crianças a olharem atentamente os detalhes presentes na imagem e, a partir

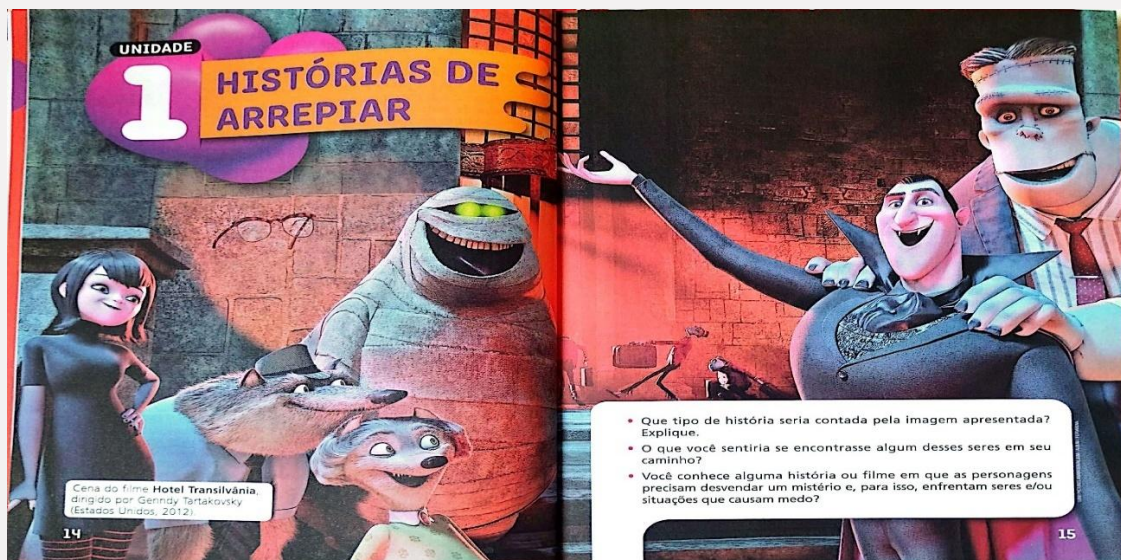
de sua leitura de mundo e de impressões pessoais acerca da cena, construir uma interpretação do que foi observado.

Imagem 4 – O mundo em nossas mãos



Fonte: Prado e Hülle (2021b, p. 8-9).

Imagem 5 – O fantástico nas imagens



Fonte: Prado e Hülle (2021b, p.14-15).

Na quarta imagem, observa-se uma mão segurando o planeta Terra, enquanto outra mão está posicionada mais abaixo, em um gesto de “recebimento” do planeta, entregue pela geração precedente. Essa composição sugere prontidão, responsabilidade e união em relação à causa. A temática abordada é pertinente e urgente na

contemporaneidade, tendo em vista o atual cenário de drásticas mudanças climáticas que estão ligadas às ações humanas agressivas diante do meio ambiente. Em consequência disso, fenômenos naturais têm causado muita destruição e mortes como forma de resposta a essas frequentes ações. Diante desse cenário, perguntamo-nos: a natureza está revidando ou está apenas se defendendo? Ela está mesmo avançando para ocupar o espaço humano ou está apenas seguindo o seu curso natural, modificado pelo homem

A imagem convida à reflexão sobre a importância da responsabilidade e do respeito que a espécie humana deve ter pelo planeta Terra – nossa casa comum. Se o comportamento de agressor for perpetuado, em alguns anos, não haverá condições de vida humana, pois já enfrentamos graves consequências: o ar já está rarefeito e as temperaturas estão muito elevadas, em decorrência da emissão de gases poluentes gerados pela atividade industrial e pelo desmatamento. Além disso, as águas estão sendo poluídas e há o risco de contaminação, inclusive, dos lençóis freáticos.

Diante desse contexto, retomamos o foco central deste estudo: a imagem no livro didático e seu papel como elemento pedagógico. As imagens não devem ser analisadas apenas como ilustrações ou como gatilhos para opiniões sobre questões externas, como a ambiental, mas sim como instrumentos capazes de potencializar o ensino e fomentar o aprendizado. Funcionam como mediadoras do conhecimento, despertando o interesse e o envolvimento das crianças, orientando a compreensão dos conteúdos e promovendo a construção de sentidos a partir da experiência escolar. Ao serem consideradas recursos pedagógicos, as imagens demonstram sua capacidade de engajar os alunos, facilitar a ampliação de informações e estimular reflexões críticas dentro do contexto educativo.

Nesse sentido, observam-se também implicações mais amplas: a forma como representamos o mundo por meio das imagens pode revelar tensões contemporâneas, como a percepção de que a humanidade, ao buscar um progresso mal orientado, acaba ameaçando a própria sustentabilidade do planeta. infere-se que a humanidade demonstra ter perdido o controle, pois está destruindo sua própria casa em nome de uma ideia de progresso que, na verdade, mais parece um retrocesso.

Compreendemos que o dinheiro não compra tudo, nem resolve todos os problemas. Se o ser humano não estivesse envenenando o próprio lar, não estaríamos sofrendo as consequências desse ato, pois tínhamos condições favoráveis para viver na

Terra de maneira saudável. Porém, nossas atitudes irresponsáveis têm destruído essa condição.

Na quinta imagem analisada, observa-se a referência ao desenho *Hotel Transilvânia* (2012), que, embora não exija das crianças a reprodução fiel da trama, atua como um estímulo lúdico e criativo. A cena selecionada desperta interesse e fascínio, promovendo a construção de “histórias de arrepiar” que incentivam as crianças a inserir-se ativamente na narrativa proposta pelo livro. Esse tipo de imagem não apenas captura a atenção, mas também serve como apoio pedagógico, estimulando o levantamento de hipóteses, a interpretação de personagens e cenários, e o desenvolvimento do pensamento crítico, da autonomia e do protagonismo infantil.

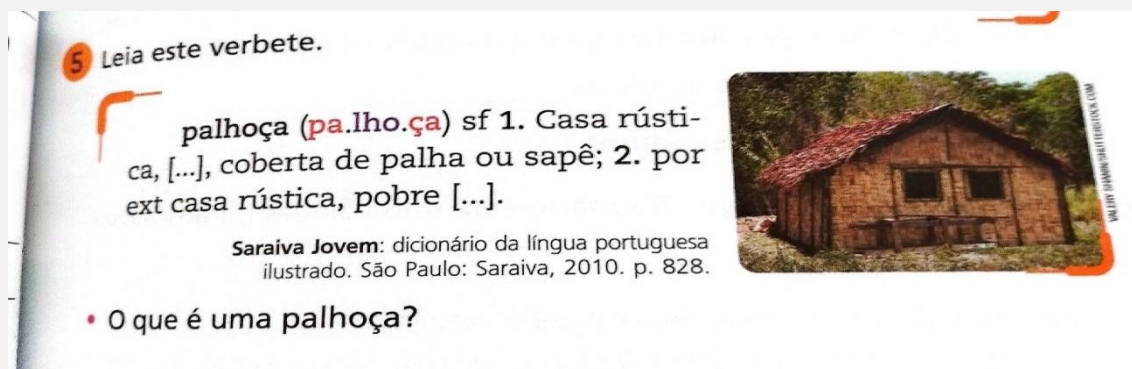
Sabemos que a infância é um período atravessado pela imaginação, durante o qual as crianças buscam viver experiências que tragam satisfação e controle de seus interesses. Consiste em uma fase durante a qual a curiosidade está em pleno exercício e a sede por conhecimento é latente. Esse período costuma ser conhecido como a “fase dos porquês”. Sendo assim, é importante oportunizar situações que provoquem e desafiem as crianças a construir suas concepções, por meio de um espaço de possibilidades, acontecimentos e atividades que propiciem diferentes maneiras de ser e estar no mundo.

A escola que queremos não é aquela que constrói, transforma vidas e proporciona o acesso ao conhecimento que liberta? Quais são as histórias que as crianças têm a contar sobre a escola que desejam frequentar? Quais as suas motivações para frequentar esse espaço? Quais impactos ele causa em sua vida? Reconhecer as percepções das crianças talvez seja o espelho que a escola necessita para ser um espaço de formação integral. Como oferecer uma formação integral sem considerar os interesses daqueles que se espera formar? Os mistérios que a imagem apresenta para serem desvendados, talvez, possam ser os próprios mistérios da vida, bem como as razões de ser das coisas e das pessoas.

Por isso, defendemos que a escola deve ser uma extensão da sociedade e que o conhecimento construído não pode ficar restrito apenas ao espaço da sala de aula. Se desejamos mudança, precisamos ser a mudança que queremos; a força propulsora para movimentar e promover as ações, ou seja, a tão propagada ideia de escola viva.

Imagem 6 - O que nos define?





Fonte: Prado e Hülle (2021b, p.97).

Na imagem 6, a palhoça é retratada como exemplo de pobreza, o que demonstra a perpetuação de um estereótipo. Não seria mais adequado estabelecer relações que valorizem os aspectos culturais de um povo ou de uma determinada localidade? Quais são os impactos causados em uma pessoa que faz parte de uma realidade como essa e se depara com um exemplo como o apresentado no livro? Estará de fato contribuindo com o processo formativo, com o conhecimento e a identidade? Não estaria contribuindo para a ideia de que a palhoça é inferior aos demais tipos de construções?

Acreditamos que esse tipo de conteúdo não deveria circular em nenhum meio, sobretudo em um material programático escolar, direcionado à formação educativa dos estudantes. Que tipo de formação é esperada quando esse tipo de conteúdo é apresentado? E quem, afinal, beneficia-se com isso? Parece-nos um equívoco realizar essa comparação. Definitivamente, ela não deveria ser pauta de espaços formativos. A escola deve ser um espaço para construção e transformação, e não para a segregação e inferiorização de quaisquer pessoas, independentemente de sua condição.

Voltando-se para a realidade em que o livro didático está sendo utilizado, observamos que, mesmo em áreas rurais, o avanço da urbanização, das estradas e das ruas de barro está dando lugar aos calçamentos e até aos asfaltos. Os espaços de lazer em meio à natureza estão se transformando em construções de praças, e as casas rodeadas por árvores estão dando lugar a vilarejos onde, muitas vezes, a vegetação é escassa. Até mesmo as escolas concretam seus espaços externos, arrancam as árvores e fazem coberturas. Com isso, a zona rural está perdendo a sua identidade, que nada tem a ver com atraso, mas sim com subjetividade.

Assim, os aspectos característicos do meio urbano estão sendo observados no meio rural e, em breve, tudo seguirá o mesmo padrão. Diante desse cenário, cabe

questionar: de que tipo de progresso estamos falando, quando ele interfere na cultura, transforma os modos de ser e de viver das pessoas e, ao mesmo tempo, fragiliza suas identidades, direciona seus olhares e influencia suas formas de pensar? Tal progresso corrói seus corações e os transforma em máquinas. Quem disse que não existe progresso em pertencer ao meio rural? A identidade das pessoas é aquilo que as diferencia das demais, que as torna únicas, que sinaliza o seu modo de ser e de viver. O conhecimento nada tem a ver com o “saber para dominar”, mas sim saber para transformar, libertar, construir, edificar e gerar mudanças positivas (Freire, 2005).

A imagem 7, a seguir, apresenta uma cozinha em estilo rústico, que pode ser interpretada como um recurso valioso para o desenvolvimento integral da criança. Ela cria uma ligação entre o passado e o presente, enquanto instiga a curiosidade, fomenta a criatividade e estimula o pensamento crítico. Desse modo, a imagem desempenha um papel complementar ao texto ao evidenciar a intenção de estimular a interpretação e a leitura crítica – que vai além de uma simples função decorativa, pois contribui de maneira significativa para o aprendizado.

Imagem 7 - Lugar de histórias e memórias



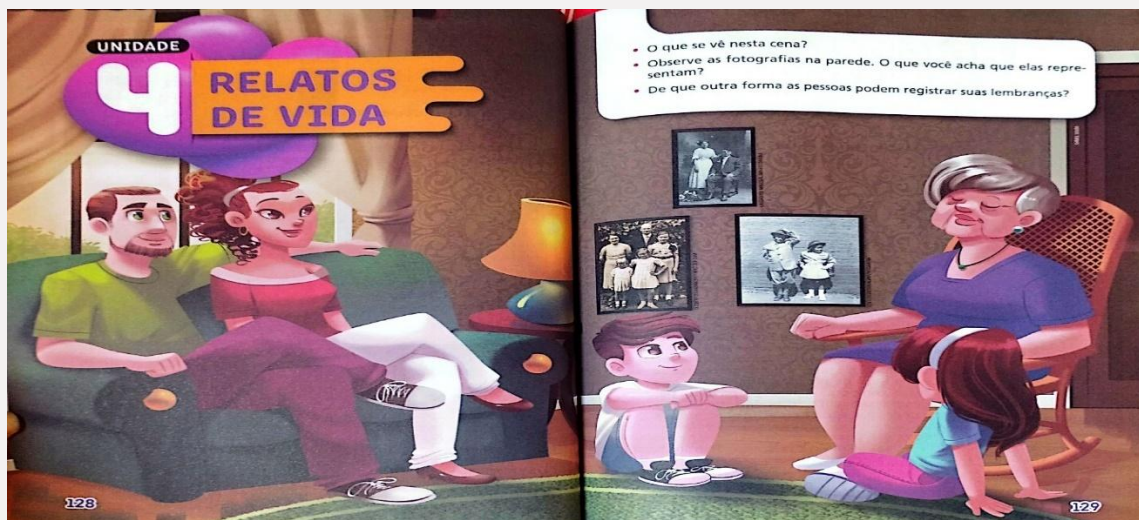
Fonte: Prado e Hülle (2021a, p.93).

A imagem sugere possíveis contribuições para o processo formativo da criança, tais como: comparação com o presente – pois proporciona à criança a chance de comparar a cozinha retratada com as cozinhas contemporâneas, promovendo uma reflexão sobre a transformação dos costumes e das tecnologias ao longo dos anos; valorização da história – visto que ao retratar um estilo de vida distinto, a imagem contribui para a valorização da história e das várias culturas, enriquecendo o entendimento sobre as transformações sociais e culturais; *contos e histórias* – pois a imagem pode ser fonte de inspiração para a elaboração de narrativas e contos, incentivando a imaginação da criança; desafios do passado – dado que a ilustração pode ajudar a criança a compreender os desafios enfrentados pelas pessoas no passado, como a extração da lenha e a preparação de alimentos de maneira mais árdua e manual.

Além disso, a imagem pode servir como ponto de partida para uma roda de conversa entre as crianças, por meio da qual elas podem compartilhar se já experimentaram alimentos preparados em fogão a lenha e relatar ao grupo as diferenças percebidas no sabor desses alimentos. As crianças podem ser convidadas a investigar, junto às famílias, se as panelas usadas para esse tipo de cozimento ainda existem e resgatar a história dessa prática no passado. Também é relevante discutir como a alimentação foi modificada ao longo do tempo e se essa mudança foi saudável. Os pais e avós podem compartilhar suas experiências sobre o cozimento dos alimentos em fogões a lenha, comparando com as opções atuais, como os fogões a gás e os elétricos. Isso enriquecerá a conversa e promoverá uma reflexão sobre as tradições culinárias e suas evoluções.

A próxima imagem mostra, novamente, que o livro procura instigar os alunos a fazerem uma leitura crítica das imagens, já que apresentam uma situação e, a partir dela, convidam a refletir sobre as impressões e os sentidos despertados neles.

Imagem 8 - Histórias que transformam



Fonte: Prado e Hülle (2021b, p.128-129).

Nessa imagem 8, tem-se, à esquerda, duas pessoas sentadas, olhando para a frente, com o semblante saudoso, como se estivessem lembrando momentos da vida. Logo à direita, tem-se a figura de uma senhora sentada em uma cadeira de balanço e duas crianças sentadas ao seu redor. Na parede ao lado dela, estão três quadros com fotografias em preto e branco que aparentam ser registros da família. Desse modo, podemos interpretar que as duas pessoas da esquerda são as duas crianças que estão à direita, já adultas. A julgar pela expressão, essas pessoas estão recordando e revivendo aquele momento de infância durante o qual se sentavam para escutar as histórias de seus avós. É como se assistissem a um filme e revivessem aqueles momentos felizes.

Essa é uma imagem que pode gerar muitos outros entendimentos, a depender do contexto em que seja abordada, uma vez que pode fomentar discussões sobre lembranças, sentimentos, família e suas relações. As impressões acima foram construídas a partir das nossas referências de vida, mas as histórias são diversas, pois cada um vive as suas próprias histórias e constrói significados. Sendo assim, trata-se de um tipo de imagem que pode ser abordada em vários contextos diferentes, tanto urbanos quanto rurais. No tocante à realidade vivenciada no meio rural – a qual é abordada no livro em questão – é possível afirmar que a imagem pode promover diferentes discussões, e desse modo, muitas histórias podem surgir. Com isso, cria-se uma excelente oportunidade de ouvir as crianças, saber um pouco mais sobre elas e/ou até entender melhor os seus interesses e modos de ser.

Ademais, destacamos que a imagem em questão se distancia do padrão das outras contidas no livro, visto que se trata de uma imagem construída artificialmente. As

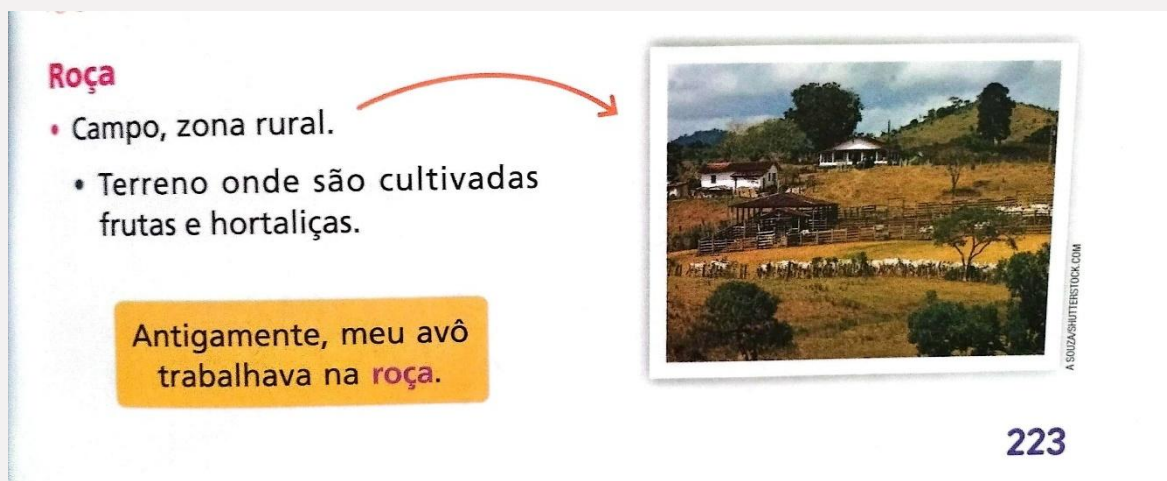
peças assumem as características de bonecos, no entanto, as imagens apresentadas nos quadros são fotografias. Isso provoca a seguinte indagação: Em que medida essa escolha pode estar associada à intenção de promover, nos leitores, um sentimento de pertencimento? Não mostrar pessoas reais faz os leitores se perceberem mais facilmente nos personagens? Diante disso, compreendemos que “[...] uma foto pode ser objeto de três práticas (três emoções ou três intenções): fazer, suportar, olhar [...]” (Barthes, 1989, p. 20). Tal entendimento orienta a exploração das imagens, não só como ferramentas que apenas ilustram, mas que também provocam uma reflexão e um engajamento crítico por parte das crianças, além de despertarem o sentimento de pertencimento ao seu ambiente de vivência.

As pessoas apresentadas na imagem podem representar facilmente qualquer um que se sinta parte dessa história ou que, em algum momento, tenha vivido um momento semelhante, que não seja precisamente a história dos avós, mas de outra pessoa que tenha feito ou faça parte da sua vida. Inclusive, a imagem dos avós é uma construção social, no entanto, como mencionado anteriormente, isso pode variar a depender do contexto. Viva as várias histórias e as várias lembranças. Viva a diversidade!

A imagem 9 revela muito sobre o contexto local em que o livro está inserido. O cenário e a vegetação são semelhantes aos da região em que a escola está localizada, com currais feitos de madeira e casinhas brancas com alpendre. Conseguimos até ver nessas plantas o juazeiro, uma árvore característica da caatinga, símbolo na cultura local de luta e resistência. Mesmo durante os períodos de seca, o juazeiro enfeita e dá vida ao sertão, servindo de abrigo para animais e pessoas que tentam se abrigar do sol, muitas vezes, escaldante. Além disso, seus doces frutos são alimento. As casas com alpendre, nas quais as redes estão armadas ou pessoas estão reunidas para compartilhar histórias e construir memórias e identidades, são parte desse cenário – como se pudéssemos sentir o cheiro do café coado e o gosto do leite bebido ainda no curral, no copo de ágata.

Imagem 9 - Lugar de memórias





Fonte: Prado e Hülle (2021b, p.223).

Nesse sentido, consideramos que há uma coerência entre as imagens trabalhadas no livro e o contexto do local. Além disso, compreendemos que se busca estabelecer um diálogo entre as imagens, o texto e o leitor. Isso ocorre, principalmente, porque, em vez de apenas investir na mera descrição das imagens, o livro incentiva a realização de uma leitura crítica e contextualizada, levando as crianças a construir suas próprias interpretações e visões acerca da realidade em que estão inseridas. Isso se alinha à concepção de que “[...] ver só se pensa e só se experimenta em última instância numa experiência do tocar [...]” (Didi-Huberman, 1998, p. 31). Isto é, a experiência visual, por si só, não é suficiente; ela precisa da experiência tátil para se concretizar plenamente. Ver, nesse sentido, torna-se uma forma de “tocar à distância”, ou seja, ter um contato indireto que mobiliza sensações físicas e emocionais, considerando que o conhecimento é construído não apenas pelo raciocínio ou abstração, mas por uma interação corporal e sensorial com o mundo.

Sendo assim, a escola precisa investir em momentos de troca de experiências, partilhas e vivências que ajudam a construir a identidade das pessoas e a promover o reconhecimento e a valorização de sua cultura. Isso é fundamental para que a sociedade do futuro se reconheça como autora de sua própria história e cultura, para assim, criar o futuro ao moldar o presente e (re)interpretar o passado. Em outras palavras, a história de uma sociedade é refletida na sua cultura, e a cultura, por sua vez, influencia os eventos históricos.

As pessoas fazem história e cultura de diferentes maneiras, desde o ativismo político e social até a criação artística e a preservação de tradições. Ao longo do tempo, as

contribuições individuais e coletivas se acumulam e moldam a narrativa histórica e as expressões culturais que definem uma civilização. Fazer história e cultura é, portanto, uma atividade contínua que exige participação ativa na construção de nossa identidade enquanto sociedade. Sua diversidade é fundamental para a riqueza da experiência humana. Nessa perspectiva, assumimos que nenhuma sociedade deve ter sua cultura arrancada e imposta a outra que, por algum motivo, seja símbolo de superioridade, uma vez que não existe cultura inferior e cultura superior, pois existem modos diferentes de viver e organizar-se enquanto grupo. Logo, a prática de hierarquizar culturas é um equívoco. Quando isso acontece, estamos sujeitos a atitudes de exploração, dominação e desigualdade.

Imagem 10 - Quem somos?



Fonte: Prado e Hülle (2021a, p.293).

A Imagem 10 evidencia o potencial das representações visuais na constituição das identidades, ainda que retrate uma realidade distinta daquela em que o livro é utilizado. Ao mobilizar referências culturais diversas, ela favorece o estabelecimento de relações entre o contexto representado e a realidade dos leitores, ampliando a compreensão acerca da diversidade sociocultural. Nesse movimento, a imagem explicita que as diferenças não se restringem à comparação entre povos, mas também se manifestam no interior de um

mesmo grupo social, cujas identidades são constituídas por experiências e trajetórias singulares, mesmo quando compartilhadas em contextos aparentemente semelhantes.

Essas experiências são fundamentais para moldar a singularidade de cada pessoa. Desde a infância até a idade adulta, as vivências individuais, como a educação, as interações sociais e/ou eventos marcantes (positivos ou negativos), influenciam profundamente como alguém vê o mundo e a si. As singularidades das pessoas são o resultado de uma complexa interação entre genética, experiências de vida, cultura, personalidade e escolhas individuais. Nesse sentido, cada ser humano é um mosaico único de características, histórias e expressões que refletem uma riqueza imensurável. Compreender e valorizar essas singularidades é essencial para promover uma convivência que respeite as diferenças que nos tornam quem somos.

Em um mundo cada vez mais interconectado, considerar as singularidades de cada pessoa também contribui para o entendimento da importância da diversidade na construção de sociedades mais justas e criativas. A escola, enquanto espaço formativo, não pode se desvencilhar dessas discussões; deve exercitar esse movimento de construção do conhecimento e da identidade, a fim de que cumpra seu compromisso com a formação integral dos sujeitos.

A singularidade de uma pessoa não é estática, pois evolui com o tempo ao passo que avançamos por diferentes fases da vida. Rogers (1997, p. 28) afirma que “É de fato paradoxal verificar que, na medida em que cada um de nós aceita ser ele mesmo, descobre não apenas que muda, mas que as pessoas com quem ele tem relações mudam igualmente [...]”. Mudanças e novas situações, experiências, desafios e aprendizagens moldam e transformam as identidades individuais ao longo do tempo, tendo em vista que “[...] a vida, no que tem de melhor é um processo que flui, que se altera e onde nada está fixo [...]” (Rogers, 1997, p. 32). Diante disso, concebemos que é preciso estabelecer relações quanto às contribuições do uso da imagem no processo de construção do conhecimento e da identidade, especialmente no tocante ao desenvolvimento de novas tecnologias visuais e meios de comunicação.

As imagens, sejam elas pinturas, fotografias, filmes, vídeos, representações digitais, entre outros recursos visuais, constituem importantes veículos de significado e expressão. As imagens, independentemente do suporte ou da técnica por meio da qual são produzidas e difundidas, influenciam as formas pelas quais os sujeitos interpretam o

mundo, a si mesmos e os outros. Nesse contexto, o desenvolvimento da leitura crítica e da produção consciente de imagens constitui uma competência essencial em uma sociedade marcada pela intensa circulação de linguagens visuais. Tal competência favorece, ainda, a compreensão dos processos de constituição das identidades, entendidas como construções socioculturais que conferem singularidade aos sujeitos ao mesmo tempo em que expressam suas relações com os diferentes contextos de pertencimento.

Além disso, a imagem aborda o estilo das vestimentas – um dos traços culturais que caracterizam um povo. Nesse caso, evidenciam-se as vestimentas das “mulheres Maasai do Quênia” e seus trajes emblemáticos de cores fortes e vibrantes, os quais podem ser associados às suas histórias de lutas e resistência, bem como à sua cultura, rica em significados históricos, espirituais e sociais.

As três mulheres presentes na imagem aparentam cansaço e estão agachadas em uma região de terra seca e alaranjada, debaixo de um sol escaldante. Além das vestimentas, possui muitos acessórios típicos da região. Por sua vez, cada região e grupo possuem estilos, tecidos, cores e padrões específicos.

Pesquisando sobre o estilo das “mulheres Maasai do Quênia”, descobrimos que elas usam geralmente tecidos coloridos chamados *shúkàs*, que são grandes lenços de tecido que envolvem o corpo. Essas peças podem ter diferentes padrões, mas o vermelho é a cor predominante entre os Maasai, pois simboliza proteção e poder. Além do vermelho, outras cores, como azul, laranja e roxo também são comuns, embora dependam da ocasião e do gosto pessoal. As estampas geométricas, especialmente o xadrez e as listras, são sua marca registrada.

As joias de miçangas ou contas coloridas, que elas mesmas produzem, são outro elemento marcante em suas vestimentas. Os colares, os braceletes, as tornozeleiras e os brincos de contas são usados em várias camadas e possuem significados sociais e simbólicos. A combinação de cores e a disposição das contas podem indicar o *status* social, a idade e até o estado civil das mulheres. Esses adornos são geralmente usados em ocasiões especiais, como casamentos e cerimônias de iniciação. Dessa forma, tais vestimentas e adornos vão além de uma expressão estética, pois fazem parte de um sistema de comunicação visual e social, no qual cada peça e cor carrega um significado cultural profundo. A vestimenta das mulheres Maasai, portanto, é uma expressão de orgulho e identidade cultural preservados e transmitidos através das gerações.

Com base nas análises das imagens, vê-se uma cena acolhedora, em um jardim, em que uma criança e um adulto contemplam as árvores frutíferas, incluindo uma goiabeira e um mamoeiro. As frutas das árvores atraem pássaros que circulam pelo local.

Imagem 11 - A natureza nos convida



Fonte: Prado e Hülle (2021b, p. 156-157).

A figura ilustra o vínculo entre a natureza e o ser humano e ressalta a relevância das árvores para a fauna e para o bem-estar humano. No entanto, a representação da criança e do adulto não espelha os camponeses e não transmite a percepção do cenário da escola e da região. Por outro lado, as árvores produtoras de frutos, como a goiabeira e o mamoeiro, são mais integradas à realidade local, proporcionando uma conexão maior com o ambiente rural. Destaca-se, assim, a importância de viver em equilíbrio com o meio ambiente, enfatizando a riqueza presente na comunidade local, que se reflete na economia, na alimentação e no sustento das famílias que dependem, direta e indiretamente, dos recursos naturais para sua subsistência.

Além disso, podemos visualizar um adulto incentivando uma criança a plantar uma árvore, o que ressalta a relevância deste gesto para a conservação do meio ambiente e o estímulo à economia local. Esse ato não só enfatiza a importância de preservar a natureza, mas também destaca a importância da agricultura para a alimentação e o sustento das famílias rurais, que se alimentam dos recursos disponibilizados pela natureza.

Imagem 12 - A arte de tecer histórias



Fonte: Prado e Hülle (2021b, p. 122-123).

A imagem 12 apresenta três pessoas executando diferentes tipos de trabalhos manuais. A imagem da parte superior direita exhibe uma pessoa modelando um objeto de cerâmica em um torno, enquanto a imagem inferior mostra alguém tecendo com fios coloridos em um tear. Isso indica, *a priori*, uma reflexão acerca das técnicas manuais tradicionais e a variedade de trabalhos artesanais. As mãos são o centro das três imagens,

realçando a habilidade e a destreza necessárias para executar essas tarefas. Isso faz rememorar o poema de Cora Coralina, em que a escritora faz uma analogia entre as mãos, o ciclo de vida e as transformações existenciais.

Olha para estas mãos
de mulher roceira,
esforçadas mãos cavouqueiras.

Pesadas, de falanges curtas,
sem trato e sem carinho.
Ossudas e grosseiras.

Mãos que jamais calçaram luvas.
Nunca para elas o brilho dos anéis.
Minha pequenina aliança.
Um dia o chamado heroico emocionante:
– Dei Ouro para o Bem de São Paulo.

Mãos que varreram e cozinham.
Lavaram e estenderam
roupas nos varais.
Poupavam e remendaram.
Mãos domésticas e remendonas.

Íntimas da economia,
do arroz e do feijão
da sua casa.
Do tacho de cobre.
Da panela de barro.
Da acha de lenha.
Da cinza da fonalha.
Que encestavam o velho barreleiro
e faziam sabão.

Minhas mãos doceiras...
Jamais ociosas.
Fecundas, imensas e ocupadas.
Mãos laboriosas.

Abertas sempre para dar, ajudar,
unir e abençoar.

Mãos de semeador afeitas
à sementeira do trabalho.
Minhas mãos raízes
procurando a terra.

Semeando sempre.
Jamais para elas
os júbilos da colheita.

Mãos tenazes e obtusas,
feridas na remoção de pedras e tropeços,
quebrando as arestas da vida.
Mãos alavancas
na escava de construções inconclusas.

Mãos pequenas e curtas de mulher
que nunca encontrou nada na vida.
Caminheira de uma longa estrada.
Sempre a caminhar.
Sozinha a procurar,
o ângulo perdido, a pedra rejeitada. (Coralina, 2002, p.40).

Esses processos manuais são transmitidos de pai para filho, preservando a cultura e a tradição dessas áreas. Aqui, os estudantes são incentivados a compartilhar suas vivências para potencializar o envolvimento e a ligação com o conteúdo. Isso destaca a relevância das habilidades manuais e a relevância do aprendizado fundamentado em experiências. Além disso, a interação proposta pelas perguntas pode enriquecer o aprendizado, incentivando os alunos a se expressarem e compartilharem suas próprias vivências com trabalhos manuais em seu contexto local.

Por fim, cabe destacar que o trabalho manual ocupa um lugar central na dinâmica socioeconômica da comunidade, sendo fundamental tanto para a produção de utensílios de uso cotidiano e o cultivo de plantações frutíferas quanto para a geração de renda das famílias. Nesse contexto, as práticas artesanais abrangem diferentes técnicas, como pintura, costura, arte em madeira (paletes), crochê e a confecção de vassouras de

palha de coqueiro, constituindo importantes estratégias de subsistência e de fortalecimento da economia familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo destacou a importância das imagens nos livros didáticos como ferramentas fundamentais para a formação integral das crianças. A análise das ilustrações da coleção *Entrelaços* mostrou que, além de complementarem o texto, as imagens têm o poder de estimular a reflexão crítica e interpretação, tornando o aprendizado mais interessante, dinâmico e acessível, especialmente quando se trata de conceitos mais complexos.

A formação integral na escola deve considerar os interesses e as vivências dos alunos e respeitar a singularidade de cada criança. Quando usadas de forma cuidadosa, as imagens podem conectar o aprendizado acadêmico à realidade dos estudantes e proporcionar uma aprendizagem mais significativa. Isso significa que os educadores precisam escolher ilustrações que dialoguem com o cotidiano dos alunos, permitindo que eles se reconheçam no material didático.

Além disso, as imagens analisadas revelaram como elas podem despertar emoções e resgatar memórias, especialmente quando retratam cenas do cotidiano familiar. Isso reforça que a educação precisa ir além da simples transmissão de informações, ajudando os alunos a se conectarem com suas próprias histórias. Quando eles se identificam nas imagens, o aprendizado torna-se mais relevante e engajador, criando uma conexão emocional que facilita a construção de um aprendizado mais duradouro.

Sendo assim, desenvolver as capacidades de ler e interpretar imagens de maneira crítica é essencial, pois vivemos em um mundo em que somos constantemente bombardeados por imagens. Ensinar os alunos a refletirem sobre o que veem os auxilia a se tornarem mais conscientes e críticos – habilidades estas importantes também para a vida fora da escola, pois os preparam para entender as imagens que aparecem nas redes sociais, na publicidade e em muitas outras formas de comunicação visual.

A diversidade das imagens analisadas destaca a importância de representar diferentes realidades e culturas nos livros didáticos. Isso é fundamental para que todos os alunos se sintam representados e valorizados no ambiente escolar. Quando as imagens

refletem essa diversidade, elas não só enriquecem o aprendizado, mas também promovem a empatia e o respeito, qualidades essenciais em uma sociedade multicultural e inclusiva.

A pesquisa também aponta para a necessidade de incorporar o letramento visual ao currículo escolar de maneira planejada e contínua. Diante disso, é importante que os educadores sejam capacitados a trabalhar com as imagens, incentivando a criatividade e a expressão dos alunos. Para isso, a formação dos professores deve ser constante, garantindo que eles se sintam preparados para usar as imagens como ferramentas poderosas para promover o pensamento crítico e a reflexão.

A escola, como espaço de ensino e aprendizagem, deve respeitar e valorizar as diferenças de cada aluno, uma vez que isso é essencial para criar um ambiente inclusivo e acolhedor, em que todos se sintam ouvidos e representados. Ao utilizar imagens que refletem a diversidade dos alunos, a escola contribui para a criação de um ambiente mais democrático, em que todos têm espaço para serem quem são.

A pesquisa sugere, ainda, que é necessário adotar uma abordagem interdisciplinar no uso das imagens, pois isso enriquece a experiência de aprendizagem. Ao explorar imagens de obras de arte, por exemplo, os educadores podem abordar contextos históricos, sociais e culturais, proporcionando uma compreensão mais ampla e profunda do conteúdo. Assim, a formação integral das crianças deve englobar não apenas o aspecto cognitivo, mas também o emocional e o social. As imagens desempenham um importante papel nesse processo, pois facilitam a expressão de sentimentos e a construção de relações interpessoais, tornando o ambiente de aprendizagem mais colaborativo. Em resumo, este estudo reforça que as imagens, nos livros didáticos, são muito mais do que simples ilustrações: são ferramentas poderosas que, quando utilizadas de maneira crítica e reflexiva, podem enriquecer a formação integral das crianças e prepará-las para os desafios do mundo atual. Ao reconhecer e explorar o potencial das imagens, a educação pode se tornar um espaço transformador, capaz de inspirar e capacitar as novas gerações.

Por fim, é válido ressaltar que a integração das práticas manuais e da cultura local no processo educativo é fundamental para a formação dos alunos. A transmissão de conhecimentos e habilidades, de geração em geração, não apenas preserva a cultura, mas também enriquece a experiência de aprendizagem. Ao incentivar os estudantes a compartilhar suas vivências e experiências relacionadas ao trabalho manual, o ensino torna-se mais relevante e conectado à realidade deles. Na região em questão, as habilidades

manuais são essenciais para a sobrevivência das famílias, pois permitem a produção de bens essenciais e a manutenção da identidade cultural. Essa conexão entre o aprendizado, a cultura e a prática manual fortalece a formação integral dos alunos e promove um aprendizado que valoriza suas raízes e experiências de vida.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel*. 11. ed. São Paulo: Global Editora, 2002.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GARDNER, Howard. *Estruturas da Mente: a teoria das inteligências múltiplas*. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. Texto visual e texto verbal. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam L. Moreira (org.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papirus, 2006. p. 37-49.
- MANGUEL, Albert. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers. Caleidoscópio de imagem: o uso do vídeo e a sua contribuição análise das relações sociais. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam L. Moreira (org.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papirus, 2006. p. 213-224.
- PRADO, Angélica Alves; HÜLLE, Cristina Tibiriçá. *Entrelaços* [livro eletrônico]: língua portuguesa: 3º ano: ensino fundamental – anos iniciais. 1. ed. São Paulo: Editora FTD, 2021a.
- PRADO, Angélica Alves; HÜLLE, Cristina Tibiriçá. *Entrelaços* [livro eletrônico]: língua portuguesa: 5º ano: ensino fundamental – anos iniciais. 1. ed. São Paulo: Editora FTD, 2021b.
- ROGERS, Carl R. *Tornar-se pessoa*. Tradução: Manuel José do Carmo Ferreira. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SANTAELLA, Lucia. *Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos, 2012

